COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Cristianismo e paganismo na poesia dos começos da Idade Média

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Cristianismo e paganismo na poesia dos começos da Idade Média", *Colóquio/Letras*, n.º 166/167, Jan. 2004, p. 167-171.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

28

CRISTIANISMO E PAGANISMO NA POESIA DOS COMEÇOS DA IDADE MÉDIA

TODAS as épocas da História — se as conhecemos um pouco, se por elas «viajamos» durante algum tempo — acabam afinal por nos parecer apaixonantes. Em todas elas, no fim de contas, houve grandes homens e gente sem escrúpulos, grandes ideais e mesquinhos interesses, grandes propósitos em luta constante com a acção corrosiva do tempo, com o peso morto dos hábitos adquiridos, com a inércia das formas emperradas; em todas elas, sobretudo, houve inúmeras multidões anónimas, em precárias condições de vida, e a sonharem incessantemente com dias melhores, e a serem muitas vezes o joguete de complicados mecanismos que não chegavam a entender, e — não obstante o aparente ou real recuo, verificado no espaço da várias gerações ou mesmo de vários séculos — a caminharem, apesar de tudo, no sentido de um inevitável e irreversível progresso.

O período do fim da Antiguidade — geralmente designado por Baixa Antiguidade — e dos primeiros séculos da Idade Média — os «séculos obscuros» — não costuma ser muito prezado pelos historiadores, nomeadamente pelos historiadores da cultura; e, no entanto, aconteceram, nessa larga época, alguns factos de importância primordial para o futuro da Europa. O primeiro desses factos foi, evidentemente, a fulgurante expansão do cristianismo e, por fim, a sua instauração como única religião oficial do mundo romano. O segundo consistiu na divisão do Império, em Império Romano do Ocidente e Império Romano do Oriente, com as extraordinárias consequências que daí derivaram. E o terceiro, finalmente, diz respeito às chamadas invasões dos Bárbaros, que vieram trazer à cultura ocidental um novo fermento — o fermento do germanismo —, a princípio, sem dúvida, bastante perturbador, mas muitíssimo fecundo a longo prazo.

No que propriamente se refere à poesia, é um período que ainda menos usufrui, em geral, das boas graças dos historiadores e dos críticos. E há mesmo quem o considere inexistente. A verdade, porém, é que poderíamos aqui falar dele ao longo de muitas semanas... Mas descansem, que irei poupá-los — e poupar-me — a essa prova de resistência, cingindo-me somente ao que é mais importante. E como falámos, na última semana, dos primeiros sinais da poesia cristã, aparecidos em língua grega, começaremos hoje por falar — que mais não seja por uma questão de «simetria» — de algumas obras de poesia cristã em língua latina.

Falemos primeiro de um homem chamado Prudêncio — Aurélio Clemente Prudêncio —, que era espanhol de nascimento, advogado de profissão, que viveu entre 348 e cerca de 410, e que pretendeu, através de uma obra muito vasta, realizar uma fusão entre a cultura pagã, de que estava impregnado até aos ossos, e os novos valores do cristianismo, de que era fervoroso adepto. De entre essa obra, citarei apenas um longo poema intitulado *Psicomaquia* — que significa «combates da alma» —, o qual viria a ser apreciadíssimo, e muitíssimo influente, ao longo de toda a Idade Média. É um poema alegórico, em que são representados, com forma humana, as virtudes e os vícios que combatem dentro de qualquer alma. Mais tarde, na pintura e na escultura românica, veremos inúmeros exemplos dessas mesmas representações e — o que é mais — quase sempre inspiradas directamente neste poema de Prudêncio. Vejamos somente, como exemplo, um excerto do primeiro «combate», travado entre a Fé e a Idolatria (ou seja: a adoração das antigas divindades); e creio que o excerto dará bem a ideia do *tom* de todo o poema:

É a Fé a primeira a lançar-se no campo,
a fim de combater sem olhar ao perigo.
Vai com os braços nus, sob um rústico manto,
agitado o semblante e os cabelos compridos...

Seu repentino ardor de atingir a vitória
fá-la mesmo esquecer de munir-se de escudo:
o pânico terror de uma guerra furiosa
não encontra lugar em seu peito robusto!

A vesga Adoração das velhas divindades
é quem primeiro sai para lutar com ela;
mas a Fé, de antemão predisposta ao combate,
num instante a derruba e a faz beijar a terra.

Não lhe deixa soltar o hálito empestado;
prolonga-lhe a agonia o máximo que pode;
e calca-lhe com fúria os olhos injectados,
que, por fim, no 'stertor, já nem cabem nas órbitas.

Oh! Que imenso clamor na legião dos mártires,
que a Fé, sua rainha, armara prò combate!
E agora lá vai ela enchê-los de grinaldas,
depois de os revestir de púrpura escarlate...

A mistura de inocência e de crueldade, que se desprende destes versos, vamos reencontrá-la depois, ao longo de todo o poema, através dos sucessivos combates da Castidade contra a Luxúria, da Paciência contra a Cólera, da Humildade contra a

Vaidade, da Sobriedade contra a Sensualidade, da Caridade contra a Cupidez... Simplesmente, à medida que os combates se sucedem, Prudêncio — já seguro do efeito — sobrecarrega-os de maior número de pormenores e de peripécias e entremeia-os de discursos, cada vez mais longos, entre as partes em litígio. Nem sempre são de muito bom gosto essas sobrecargas e essas digressões; mas umas e outras revelam, da parte de Prudêncio, um tão grande pendor barroco que o seu nome costuma ser apontado como o do primeiro representante do barroquismo hispânico... Mas o mais curioso, para nós, é verificar como o cristianismo de Prudêncio, não obstante o indubitável fervor da sua fé, não consegue ainda triunfar sobre os vestígios do seu espírito pagão.

Mais ou menos na altura em que ele morre, nasce em Bizâncio um poeta e filósofo de expressão grega — Proclo — que tentará também, embora por um caminho diametralmente oposto, obter a síntese entre o paganismo e o cristianismo, ou até mesmo uma síntese entre tudo quanto havia de melhor em todas as religiões... Ao contrário de Prudêncio, Proclo não adere todavia ao cristianismo, acreditando que essa síntese se possa realizar no seio da própria religião pagã. O mais impressionante, contudo, é que ele se dirige aos deuses do Olimpo em termos muito semelhantes aos utilizados pelos poetas cristãos da época, nos seus hinos a Deus, a Cristo, à Virgem ou aos santos. E tais poemas, como observou Robert Brasillach, são deveras «significativos de uma época em que o paganismo agonizante, para durar, tinha de pedir emprestadas ao próprio cristianismo as suas melhores armas». Atente-se, por exemplo, neste «Hino a Atena» (à deusa Atena) que poderia ser, sem a menor alteração, um Hino à Virgem Maria:

Ó rosto que brilhais na santa luz do fogo,
dai um porto sereno a quem erra na terra.
E que a santa palavra à minh'alma conceda
sabedoria, amor — e a luz que rompe a treva.

Dai a meu coração o amor de que precisa
pra poder atingir, entre o ventre da terra,
a morada do Pai e a montanha divina.

E se às vezes ao mal a minha vida cede
(eu bem sei como estou tão exposto ao pecado,
que, sem tréguas me dar, o coração me cerca!),
ó doce conselheira, havei de mim piedade!

Salvação dos mortais, impedi-me que eu fique
desprezado, a jazer sob o seio da terra,
à mercê, para mais, dos errados juízos,
já que só até vós se eleva a minha prece.

Concedei a meu corpo a saúde e a força,
afastai-me da carne as doenças letais,
e fazei que eu não peque, e fazei que não sofra:
tudo podem, enfim, vossas mãos imortais!

Concedei a meu barco as brisas favoráveis:
filhos, mulher, glória e sorte compassiva,
um espírito subtil, os dons da amizade
e a posição também que me seja devida.

Assim eu vos suplico, ó Rainha, e renovo
a prece que me impõe o imperioso destino.
'Scutai-me com doçura. Atendei os meus votos.

Eis um Hino que pode, efectivamente, ser considerado (tal é ainda a opinião de Robert Brasillach) como uma das mais belas despedidas ao mundo antigo; e Proclo, seu autor, que foi também um penetrante comentador da filosofia de Platão e de Aristóteles, bem merece, que mais não seja por causa deste texto, ter o seu nome aqui registado.

Entretanto, a poesia de inspiração marial — que virá a ter um lugar importantíssimo durante a Idade Média, e muito para além dela — encontrava, entre os poetas cristãos, sobretudo monges, alguns dos seus cultores mais delicados. Evocarei apenas um — Fortunato —, que passaria à história eclesiástica sob o nome de São Venâncio e que viveu já no século VI (entre 530 e cerca de 600). A sua biografia é das mais curiosas entre as dos autores do começo da Idade Média; mas, como creio que estes pormenores não interessam a muita gente, direi apenas que passou a mocidade em Ravena e que morreu em Poitiers: entre um lugar e outro, decorreu, durante cerca de dois anos, uma curiosa viagem pelo centro da Europa, que ele descreveria do modo mais pitoresco e durante a qual, segundo diz, escreveu a maior parte das suas poesias, enquanto ia montado a cavalo, e numa espécie de estado de hipnose... É justamente com o fragmento de uma dessas poesias — um Hino à Virgem — que terminaremos o programa de hoje. E reparo agora que existe, afinal de contas, uma diferença fundamental entre o «Hino a Atena», de Proclo, e este «Hino à Virgem», de Fortunato: enquanto, no do poeta pagão, se procura obter — de modo um tanto utilitário — um benefício pessoal, o do poeta cristão é um simples louvor, muito mais puro e desinteressado, em que o problema da Graça, embora só apontado, ocupa um lugar central.

Como é que eu disse há pouco?... Que o Hino de Proclo constituía uma despedida à Antiguidade. Pois bem: com o Hino de Fortunato entramos definitivamente nos tempos medievais... E já começamos a distinguir o vulto de certas Virgens da estatuária românica... De qualquer modo, vejam lá se tenho ou não razão. Eis o fragmento do Hino:

Sentai-Vos, ó Senhora soberana,
acima das estrelas, pois Aquele
que providencialmente Vos criou,
Vosso peito sagrado O alimentou.

De Vós saiu esse divino Germe
que à tristíssima Eva assim devolve
tudo o que ela perdeu.
Sois a esp'rança do acesso pra quem sofre.
Por isso, no alto céu, sois a janela
mais alta que há no céu.

Sois pórtico do Reino das alturas,
deslumbrante portal da Luz divina!
Salvé! Que sendo Virgem destes vida...
E aplaudem-Vos em coro as criaturas
que só por Vós ficaram redimidas!